



7º Plano de Pastoral Orgânica

Arquidiocese de Campinas SP



2010

2013

EVANGELIZAR

ACOLHER

RENOVAR

SERVIR



Coordenação Arquidiocesana de Pastoral



7º PLANO DE PASTORAL ORGÂNICA

2010-2013

Arquidiocese de Campinas - SP



APRESENTAÇÃO

“Bendito seja o Nome do Senhor”

Com as Visitas Pastorais do Arcebispo a toda a Arquidiocese nos anos de 2007 e 2008, com as Festividades do Centenário de nossa Igreja Particular de Campinas e a Carta Pastoral que dirigi ao Povo de Deus na Festa da Imaculada em 2008, pudemos encaminhar os trabalhos para a confecção do 7º Plano de Pastoral da Arquidiocese de Campinas, baseados nos estudos realizados pelos Blocos Temáticos, partilhados em grandes encontros arquidiocesanos. Essas reuniões motivaram a participação de todas as instâncias na elaboração das proposições aprovadas com muita alegria na Assembleia de nossa Igreja, realizada aos 07 de novembro de 2009.

A Quinta-Feira Santa, na Missa do Crisma – quando se proclama “Jesus Cristo fez de nós um Reino de Sacerdotes para seu Deus e Pai” (Ap. 1, 6a) é a data que marca a publicação do 7º Plano de Pastoral Orgânica (PPO) e a Solenidade de Pentecostes, em 23 de maio de 2010, bem como a sua divulgação e entrada em vigor.

É, pois, com vivíssima esperança que entrego à Arquidiocese de Campinas o 7º PPO de nossa Igreja. O conteúdo, as diretrizes e desafios apresentados envolverão a todos nós, Leigos e Leigas, Religiosos e Religiosas, Seminaristas, Padres, Diáconos, Ministros e Catequistas. Unidos ao Bispo desta Igreja trabalharemos numa vinha fértil e abençoada, desejosos de evangelizar e implantar neste chão a justiça, a verdade, o amor e a paz do Reino de Deus.

Somos os cidadãos do Reino que Jesus inaugurou e, por isso, pedimos ao Pai, na força do Espírito, como o Senhor nos ensinou: “Venha a nós o Vosso Reino”. Queremos colaborar, com todo ardor missionário, para que a Arquidiocese de

Campinas seja a Igreja que Jesus Cristo deseja, espalhando as sementes do Reino, trabalhando na sua messe.

No caminho percorrido, os Planos anteriores foram importantes marcos norteadores da nossa ação pastoral. Conservamos aqui as preocupações com o projeto de formação permanente de todos os agentes da Pastoral, a presença profética na sociedade através dos Meios de Comunicação, a construção da rede de comunidades nas Paróquias e a comunhão fraterna na co-responsabilidade e participação de todos os fiéis cristãos, leigos, consagrados, diáconos e sacerdotes. Somos desafiados a construir uma Igreja Servidora, Acolhedora e que se Renova sempre.

Agradeço ao Cônego João Luiz Fávero, Coordenador Arquidiocesano de Pastoral, que esteve à frente da brava, séria e feliz Equipe Dinamizadora do 7º PPO, em comunhão com a Coordenação Colegiada de Pastoral. Esta equipe trabalhou intensamente na elaboração e síntese de todas as contribuições recebidas das Comunidades, Paróquias, Foranias, Áreas Pastorais, Organismos e de todas as forças eclesiais da Arquidiocese no processo de elaboração deste Plano de Pastoral. Foi uma caminhada abençoada em que todos os cristãos se sentiram motivados e trabalharam durante quase dois anos para hoje termos os frutos maduros e norteadores da ação evangelizadora.

À Virgem Maria, Nossa Senhora da Imaculada Conceição, Padroeira da Arquidiocese de Campinas e a São José, o Patrono de toda a Igreja Católica, confiamos os nossos compromissos eclesiais.

O Senhor nos abençoe.

Dom Bruno Gamberini

Arcebispo Metropolitano de Campinas

1º de Abril de 2010 – Quinta-Feira Santa – Missa do Crisma

Sumário

INTRODUÇÃO	08
UMA LEITURA DO PROCESSO QUE VIVEMOS	
Breve histórico	10
Assembleia de 2009: Conclusões	12
Pés no chão	13
Olhos no horizonte	16
Mãos na massa	19
IGREJA QUE ACOLHE	20
Proposta 1 – A Palavra de Deus gera uma comunidade acolhedora	22
Proposta 2 – Duas realidades inseparáveis: ser Igreja e acolher	23
Proposta 3 – Acompanhamento: uma expressão de acolhida	24
Proposta 4 – Acolher e evangelizar o jovem	25
IGREJA QUE SE RENOVA	26
Proposta 1 – Igreja como Rede de Comunidades	28
Proposta 2 – Igreja toda ministerial	29
Proposta 3 – Igreja de comunhão e partilha	30
Proposta 4 – Formação e espiritualidade dos discípulos-missionários	31
Proposta 5 – Evangelização pela comunicação	32
Proposta 6 – Metodologia de planejamento participativo e cultura de avaliação dos processos	33
IGREJA DO SERVIÇO SOLIDÁRIO	34
Proposta 1 – Opção preferencial pelos pobres	35
Proposta 2 – Rede de Solidariedade	36
Proposta 3 – Pastoral da Saúde: expressão da misericórdia de Deus	37
Proposta 4 – Pastoral da Educação: presença profética da Igreja	38
Proposta 5 – Pastoral Carcerária: presença de Jesus libertador	39
Proposta 6 – Consciência ecológica: sinal de amor pela Criação	40
CONCLUSÃO	41

Índice de Siglas

CA	<i>Centesimus Annus</i>
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CCP	Coordenação Colegiada de Pastoral
CP	Carta Pastoral de Dom Bruno Gamberini
DA	Documento de Aparecida
DGAEIB	Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil
EN	<i>Evangelii Nuntiandi</i>
PUC	Pontifícia Universidade Católica
SB	Sínodo dos Bispos sobre a Palavra de Deus

Objetivo Geral do 7º Plano de Pastoral

“Evangelizar

***A partir do encontro com Jesus Cristo,
como discípulos missionários,
à luz da evangélica opção
preferencial pelos pobres,
promovendo a dignidade da pessoa,
renovando a comunidade,
participando da construção
de uma sociedade justa e solidária,
para que todos tenham vida e a tenham em
abundância (Jo 10,10)”***

(DGAEIB - Documento 87 da CNBB)

Introdução

Evangelizar é anunciar a boa nova da salvação em Jesus Cristo, a partir do encontro com Ele. Este anúncio toca o presente e o futuro dos tempos. É a palavra que orienta o caminho, provoca uma confissão de fé e nos chama à conversão de vida. É missionária e profética, portadora de vida e de esperança. Como disse o Apóstolo Paulo: “Anunciar o Evangelho não é para mim motivo de glória. É antes uma necessidade que se me impõe. Ai de mim, se eu não evangelizar (1Cor 9,16).”

Na força da missão de Jesus: *“O Espírito do Senhor está sobre mim, pois Ele me consagrou com a unção para evangelizar os pobres: enviou-me para proclamar a libertação aos presos e, aos cegos, a recuperação da vista; para dar liberdade aos oprimidos e proclamar um ano de graça da parte do Senhor”* (Lc 4,18-19), somos convocados a assumir permanentemente a missão evangelizadora, condição fundamental para guardar e reviver o clima pascal de alegria no Espírito, que animou a Igreja em seu nascimento e a sustenta em todos os momentos de sua História.

Como Igreja nos comprometemos a ser sinal visível da salvação realizada por Jesus Cristo e estamos comprometidos, também, em anunciar esta salvação a todos os homens e mulheres, sendo sal da terra e luz do mundo, empenhados em promover a graça do encontro pessoal com Jesus Cristo, em todos os âmbitos da Ação evangelizadora: pessoal, comunitário e social.

O encontro com Jesus Cristo na Palavra, nos Sacramentos, na prática da religiosidade popular e no acolhimento dos pobres nos leva a seguir o caminho do Senhor. Fortalece-nos como seus discípulos e discípulas, para viver, amar, perdoar, cuidar dos mais pobres e dos pequeninos. Esse encontro é o fio condutor de um processo que culmina na maturidade do discípulo e discípula, deve renovar-se constantemente pelo testemunho pessoal, pelo anúncio do Evangelho e pela ação missionária da comunidade.

É na comunidade missionária que desabrocham as vocações e ministérios e todos buscam a devida formação, num processo de preparação para a missão. Neste sentido entendemos o discipulado como amadurecimento constante do conhecimento, do amor e do seguimento de Jesus Mestre, quando também se aprofunda a experiência de sua Pessoa, de seu ensinamento e do Mistério Pascal, graças à catequese permanente e à vida sacramental.

Queremos ser uma Igreja unida em torno da fé em Jesus Cristo para testemunhar com autenticidade sua missão no mundo, caminhando sempre em busca da conversão de vida, acolhedora dos pobres, voltada para o anúncio do Reino de Deus com autêntico testemunho de comunhão e participação. Queremos ser uma Igreja missionária, servidora e samaritana, atenta aos desafios do nosso tempo.

Como discípulos missionários somos chamados a testemunhar nosso batismo, nossa fé, nosso fervor. “Portanto, conservemos a suave e reconfortante alegria de evangelizar, mesmo quando for preciso semear com lágrimas! Isto constitua para nós – como para João Batista, para Pedro, para Paulo, para os outros apóstolos e para uma multidão de admiráveis evangelizadores no decurso da história da Igreja – um impulso interior que ninguém nem nada possam extinguir. O mundo do nosso tempo que procura, ora na angústia, ora na esperança, possa receber a Boa Nova dos lábios, não de evangelizadores tristes e desencorajados, impacientes ou ansiosos, mas sim de ministros do Evangelho cuja vida irradie fervor, pois foram os que receberam primeiro em si a alegria de Cristo, e são aqueles que aceitaram arriscar a sua própria vida para que o Reino seja anunciado.” (EN 80)

“O discípulo nasce pelo fascínio do encontro com Cristo - um encontro pessoal - e se desenvolve pela força da atração que permanece na experiência de comunhão dos discípulos de Jesus”. (DGAEIB, 89).

Uma leitura do processo que vivemos

Breve histórico

A Evangelização é a finalidade da Igreja: Entendemos por evangelização a totalidade de ações da Igreja em função de Anunciar, Celebrar e Viver o Evangelho de Jesus Cristo. E, como a evangelização é um todo, é preciso que seja realizada de forma orgânica, isto é, como uma Pastoral planejada, programada e realizada mediante uma espiritualidade de Comunhão e Participação, como nos ensinam o Concílio Vaticano II, e os documentos produzidos pelo episcopado da América Latina e do Brasil.

O Planejamento Pastoral Participativo foi o caminho escolhido para nos orientar por entendermos que uma ação bem planejada é fruto da previsão e do ordenamento do processo de vivência numa comunidade cristã e do testemunho que seus agentes são chamados a dar.

Neste sentido fomos, todos, convocados para este mutirão que nos faz refletir e tem propiciado crescimento no Testemunho de Comunhão.

O Processo de Planejamento Participativo tornou-se importante instrumento para a realização de nossa missão evangelizadora inculturada, com a presença articulada das Exigências: do Serviço, Diálogo, Anúncio e Testemunho de Comunhão, operacionalizadas nos três âmbitos da Evangelização: Pessoa – Comunidade e Sociedade.

Atenta e preocupada com o Processo de Elaboração do 7º Plano de Pastoral Orgânica, a Coordenação Colegiada de Pastoral trabalhou nos Encontros Arquidiocesanos de Formação. Em 2006, teve como foco o Ministério da Coordenação, em 2007, a Comunhão e a Participação.

Em 2008, fruto dos Encontros anteriores, brotou a proposta de se trabalhar com Blocos Temáticos – seis marcos referenciais que contribuíram para a

reflexão e elaboração do Processo de Planejamento numa importante etapa de sua realização. Neste sentido, um conjunto de ações foi proposto para todo o ano. No primeiro momento aconteceu, então, o Estudo dos Blocos Temáticos mencionados acima.

Com a colaboração de uma equipe de assessores, os temas Realidade, Metodologia, Eclesiologia, Ação Pastoral, Liturgia e Espiritualidade Encarnada foram estudados em três Encontros realizados no período de abril a junho de 2009. Destes Encontros participaram pessoas convidadas de todas as instâncias de organização da Arquidiocese de Campinas, as Coordenações Colegiadas Arquidiocesanas das Foranias e das Áreas Pastorais, integrantes dos Blocos, com a intenção de que a reflexão produzida fosse a partir da vivência real de nossa Igreja.

Os subsídios, especialmente elaborados para este momento, foram partilhados com toda a Igreja de Campinas: Comunidades, Paróquias e Equipes de Coordenação. Ainda nesta fase, aconteceram as reuniões com as Equipes Paroquiais. Tendo em vista o Processo de Planejamento Participativo e a importância do envolvimento de todos, estas equipes foram convocadas a participar do processo em colaboração com as Equipes de Coordenação dos Conselhos de Pastoral Paroquial e os representantes das Paróquias nas Coordenações Colegiadas das Foranias.

Dando continuidade ao Processo de Elaboração do 7º. PPO, o mês de agosto foi dedicado à realização das Assembléias nas Foranias. Nas Assembléias foram reunidas as contribuições das Paróquias e com base nelas foi realizado o levantamento dos Desafios e Prioridades e a escolha dos Projetos Comuns, assumidos como trabalho conjunto em nível das Foranias, como expressão da unidade da Igreja.

No mês de setembro, foram realizadas as assembleias das Regiões, com o material elaborado pelas Foranias. Desses encontros foram conhecidos os Desafios e Prioridades das Regiões. Uma vez elencados estes desafios e prioridades, o Texto Síntese voltou para as Foranias, Paróquias e

Comunidades para conhecimento e continuidade do trabalho de Planejamento, em âmbito Paroquial e Forâneo. No mês de setembro também aconteceu a Assembleia das Áreas Pastorais, oportunidade em que foi recolhida a contribuição, levando em conta a especificidade dos Organismos. Ainda em 2009, foram realizados encontros de Formação sobre Planejamento Pastoral com a participação das Equipes Paroquiais e Coordenações Colegiadas das Foranias.

No dia 07 de novembro, a Assembleia Arquidiocesana definiu as Prioridades e Metas a partir das contribuições de todas as instâncias, estabelecendo, à luz do Objetivo Geral, os objetivos específicos que orientarão a continuidade do processo de Planejamento Pastoral com a elaboração dos diferentes Programas e Projetos em 2010.

É importante destacar que todo este processo foi iluminado pela Carta Pastoral de Dom Bruno Gamberini, que chama a atenção para a importância do Planejamento Pastoral e assume o Objetivo Geral da Igreja do Brasil como o grande farol para a Igreja de Campinas.

Assembleia de 2009: Conclusões

Em Assembleia, refletimos, como grande comunidade de fé, as linhas de ação pastoral da nossa Igreja. Foi um passo determinante no longo caminho percorrido por todos os Organismos da Arquidiocese. As contribuições das Comunidades, Paróquias, Foranias, Comissões, Regiões e Áreas Pastorais foram sintetizadas e traduzidas em um olhar sobre a realidade (pés no chão), uma iluminação da Palavra de Deus e das Diretrizes da Igreja (olhos no horizonte) e nos desafios a serem superados (mãos na massa).

Pés no chão

A reflexão a seguir expressa esses olhares das nossas bases sobre a realidade para que, em vista do trabalho nelas desenvolvido, apontemos os caminhos que nos levem à nossa missão: Evangelizar.

Individualismo: essa palavra que tanto nos incomoda é um grande obstáculo que ainda buscamos ultrapassar. Ele é fruto de uma cultura que tem alterado as relações do ser humano consigo mesmo, em casa, no ambiente de trabalho, na escola e, como não poderia deixar de ser, também na comunidade eclesial.

O isolamento da pessoa em si mesma é fruto, entre outros fatores, da virtualização da sociedade. Temos a impressão de que podemos dar conta de todas as nossas necessidades em frente à tela do computador. Se não soubermos lidar com as novas tecnologias, corremos o risco de cair numa armadilha recheada pelo consumismo, pela falta de consciência social e ecológica, deixando-nos dominar pelo materialismo.

O universo da comunicação de massa mudou nosso olhar sobre a vida em família, a sexualidade, a orientação sexual e a ética das relações nos campos político e econômico. Esse olhar globalizado e acelerado nos deixa a impressão de que estamos sempre atrasados. Ficamos reféns do tempo. Essa sensação de sufoco faz-nos, muitas vezes, cegos diante das novas formas de pobreza e exclusão: os idosos, doentes, negros, pessoas em situação de rua, especialmente crianças e adolescentes, presidiários, dependentes químicos, pessoas com deficiência, os excluídos da era digital...

Os novos tempos apresentam avanços em muitos níveis, especialmente na tecnologia, setor de destaque em nossa região metropolitana. Entretanto, a exclusão persiste. Em nossas cidades os condomínios de luxo convivem lado a lado com bolsões de pobreza, revelando um cenário de extrema desigualdade social e grande concentração de renda. Nas regiões mais carentes, fica clara a falta de políticas públicas que atendam às demandas básicas de educação, saúde, moradia, trabalho, acesso à cultura e ao lazer. Essa sociedade tão

desigual traz consequências nada agradáveis: violência dentro e fora de casa, insegurança, drogas, alcoolismo, falta de oportunidades de trabalho, famílias desunidas, juventude sem perspectivas e refém da cultura de morte que se propaga pela mídia. As desigualdades estão evidentes. Muitos de nós estamos paralisados diante das iniciativas de mobilização e participação política e social que se fazem presentes, ainda que em menor escala.

Dentro de casa, os tempos da chamada “pós-modernidade” trazem uma realidade incômoda e desafiadora: nossas famílias não se encontram mais; em casa, cada um trabalha e estuda em um horário diferente; na prática, são vários mundos que, por coincidência, habitam a mesma morada; o computador e a TV superam a relação entre as pessoas que dividem o mesmo teto. O resultado: falta de diálogo e a chamada desagregação familiar.

A configuração da família também mudou. Hoje, a realidade dos casais em segunda união e as casas que se organizam sem a figura do pai ou da mãe são cada vez mais frequentes. Nesse cenário tão plural, as novas manifestações nos campos da cultura e da religiosidade vão ganhando espaço. Temos várias expressões culturais e espirituais dentro da mesma casa e, muitas vezes, dentro da mesma pessoa.

Na comunidade, esse cenário coloca em xeque valores fundamentais da nossa vivência: acolhimento, participação, diálogo, integração, unidade. Temos visto muitas comunidades fragmentadas, fechadas a novas experiências e a novas pessoas. As posturas autoritárias têm-se manifestado tanto entre o clero quanto entre o laicato. A falta de planejamento e de avaliação das atividades são desafios fortes que precisamos superar. Isolamento e improvisação atrapalham a articulação e a união dos nossos esforços.

Nosso universo virtual e altamente dinâmico nos deixa com a sensação de que o que vivemos não está refletido no que celebramos. O espanto diante da mudança de época que vivemos tem motivado um movimento de retorno a uma tradição que busca mais a individualização da fé do que a vivência de uma espiritualidade de comunhão e participação. Precisamos dar mais atenção à

dimensão ministerial, à consciência missionária, ao diálogo com outras igrejas e expressões religiosas e ao desejo de se fazer próximo do outro.

Nossa Igreja ainda parece voltada para si mesma. Nossa realidade urbana entra em choque com uma mentalidade e uma estrutura ainda rurais. O apego ao devocional e o excesso de eventos sufocam, em muitos casos, a prática da vida eclesial. Essa configuração nos aponta para a necessidade de uma formação mais consistente e continuada, capaz de amadurecer a fé, propiciar um encontro pessoal com Jesus Cristo e integrar a proposta do Evangelho às diversas dimensões da vida humana: pessoa, comunidade e sociedade. Entretanto, o mundo cada vez mais competitivo nas relações de trabalho e estudo tem impedido a participação frequente de muitos de nossos agentes nas atividades propostas.

Olhos no horizonte

Os olhos da fé e os ouvidos do coração nos indicam pontos de luz e motivação para uma renovada ação pastoral que responda aos novos desafios que a realidade nos coloca. A religiosidade popular, a vivência do testemunho batismal, a organização de muitas comunidades em grupos de vivência e de Leitura Orante da Bíblia, a experiência profética das Comunidades Eclesiais de Base e das Novas Comunidades e o entusiasmo dos Movimentos Eclesiais nos provocam um novo ardor missionário para cumprirmos o mandato de anunciar o Reino de Jesus Cristo, expresso no Objetivo Geral da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil e assumido pela Arquidiocese de Campinas:

***“Evangelizar
A partir do encontro com Jesus Cristo,
como discípulos missionários,
à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres,
promovendo a dignidade da pessoa,
renovando a comunidade,
participando da construção de uma sociedade
justa e solidária,
para que todos tenham vida e a tenham em abundância (Jo 10,10)”***

A Palavra de Deus e as Diretrizes da Igreja foram as luzes que nos fizeram chegar a esse objetivo. A vivência do discipulado e da missionariedade nos remete ao Documento de Aparecida como horizonte de ação em toda a América Latina. “A conversão pastoral de nossas comunidades exige que se vá além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária...” (DA 370). “Crescem os esforços de renovação pastoral nas paróquias, favorecendo o encontro com Cristo vivo, mediante diversos métodos de nova evangelização que se transformam em comunidade de comunidades evangelizadas e missionárias...” (DA 99,e).

A prática da oração pessoal, por meio da abertura à ação do Espírito e da escuta atenta da Palavra, suscita a descoberta de novas vocações, desperta a paixão por Jesus Cristo e anima os corações para realizar o sonho do

Crucificado-Ressuscitado: a vida em abundância para todos. A vivência comunitária do Mistério Pascal – nas suas diversas expressões litúrgicas e celebrativas – sustenta a caminhada, congrega os cristãos na experiência da fé e alimenta a esperança de “um novo céu e uma nova terra” (Is 66, 22a).

Alimentado pelo Pão da Palavra e pelo Pão da Eucaristia (cf. CP 44-45), o cristão renova seu compromisso de ser discípulo e assume seu caráter missionário, em meio a uma sociedade marcada por tanta desigualdade. A evangélica opção preferencial pelos pobres renova a dimensão profética do anúncio e da denúncia das injustiças, ao mesmo tempo em que abre o coração para a solidariedade e a partilha. “Tudo o que tem relação com Cristo tem relação com os pobres, e tudo o que está relacionado com os pobres clama por Jesus Cristo” (DA 393).

Com o coração aberto, “a Igreja latino-americana é chamada a ser sacramento de amor, solidariedade e justiça entre nossos povos” (DA 396). Nossa Arquidiocese quer assumir essa missão e, impelida pela necessidade de uma renovação de suas estruturas, almeja a construção de uma sociedade justa e solidária, com oportunidades e relações igualitárias para todos, livre de todo preconceito, em que haja pão, moradia, saúde e lazer para todos, fruto de governos honestos e solidários, na qual, enfim, a política, como serviço ao Bem Comum, se faça presente.

O projeto de Jesus é libertador. Uma Igreja toda ministerial surge como ponto forte de iluminação para a concretização do nosso objetivo. A vivência consciente e madura do ministério da palavra nos torna capazes de “anunciá-la como missionários que testemunham com a vida o que pregam” (Cf. CP, 23). A liturgia bem celebrada e vivenciada e a participação nos sacramentos vivificam a esperança e abrem os horizontes para uma atitude cotidiana mais coerente com a prática de Jesus. “A caridade jamais passará” (1 Cor 13,8), e o cristão é convocado a dar sua contribuição por meio das obras de misericórdia e da revigorada atuação das pastorais sociais.

Temos na mente e no coração as quatro exigências fundamentais da Evangelização, explicitadas pela CNBB e acolhidas em nossa prática pastoral:

- **Serviço:** A dimensão do lava-pés (Jo 13, 4-17) – “O servo não é maior do que o seu senhor, nem o enviado maior do que quem o enviou” (Jo 13,16). A advertência de Jesus aos discípulos tem razão de ser: a tentação de fazer da pertença religiosa uma carreira de sucesso permeia a história da Igreja desde seu princípio até os dias de hoje. Enquanto o discípulo não vencer seu egoísmo, seu desejo de realização narcisista, não será capaz de servir. Pode até fazer parte da Igreja, mas o fará de coração corrompido e, por isso, não agradará a Deus;

- **Diálogo:** A dimensão do Cristo que acolhe (Jo 4, 4-15) – O Diálogo do Reino não se estabelece visando a pessoa do discípulo. Continuar a missão do Mestre requer a consciência de que o discípulo não é o centro da missão, mas sim uma mediação daquele que o enviou. Esse despojamento é crucial para um diálogo capaz de levar à abertura de coração daqueles com quem vamos conversar;

- **Anúncio:** A dimensão do Cristo que envia (Mt 28,16-20) – Ser escolhido não é privilégio, mas compromisso. Para anunciar o Reino, é preciso primeiro vivê-lo. Não de maneira isolada, mas “dois a dois”, em comunidade de fé. Quem anuncia sem os critérios evangélicos corre o risco de perder o senso das pessoas, tornar-se um ativista, um mero executivo. A perda do senso das pessoas leva ao isolamento, ao fechamento nos limites da própria experiência. Um discípulo isolado corre o risco de criar comunidades e grupos tão isolados quanto ele;

- **Testemunho:** Ser sal da terra e luz do mundo (Mt 5, 13-16) – A espiritualidade do apostolado consiste em confiar em Deus e desconfiar de si mesmo. Desconfiança de si mesmo é sinal da humildade virtuosa, capaz de reconhecer a dignidade da vida humana em si mesmo e nos outros. Essa humildade é filha do amor e irmã da verdade. Amor, humildade e verdade são, por sua vez, os pilares do testemunho cristão;

Mãos na Massa

<p style="text-align: center;">Igreja que Acolhe Igreja que se Renova Igreja do Serviço Solidário</p>
--

Os três eixos assumidos pela nossa Igreja de Campinas para o 7º Plano de Pastoral Orgânica articulam-se entre si. Não estão separados como se cada um alimentasse um setor da vida eclesial. Eles se interligam, abastecendo uns aos outros como uma tríplice força vital de toda a Igreja. É nesse espírito que, em Assembleia, firmamos o compromisso de viver, organizar e fazer acontecer esses três eixos em todos os níveis, articulando a ação evangelizadora da Igreja Arquidiocesana de Campinas.

O material resultante do processo que percorremos na Elaboração do 7º PPO foi sintetizado em 14 proposições, que foram refletidas e assumidas em Assembleia. Em plenário nós assumimos mais duas proposições.

Essas orientações se transformam agora em Programas de Evangelização que se traduzirão em Ações Gerais (para toda a Arquidiocese) e Ações Específicas (para os diversos níveis de organização de nossa Igreja: Regiões, Foranias, Paróquias, Comunidades, Áreas Pastorais e Organismo).

Desse modo, apresentamos a seguir as contribuições que foram assumidas e enriquecidas pela Assembleia Arquidiocesana de 07 de novembro de 2009.

Igreja que Acolhe

Ouvindo o clamor de Aparecida, “necessitamos sair ao encontro das pessoas, das famílias, das comunidades e dos povos para lhes comunicar e compartilhar o dom do encontro com Cristo” (DA 548). Essa convocação nos chama a atenção para mudarmos a concepção de acolhimento. Nossa busca deve ser por uma Igreja acolhedora, em todos os âmbitos – e não somente com a implantação de uma pastoral da acolhida. Acolher é uma **atitude** que abre as portas para as desafiadoras realidades que nos cercam, e nos impele a abraçar a todos – os que estão integrados à vida da Igreja e os afastados do seio da comunidade. Essa atitude deve permear toda a ação pastoral.

O **Sínodo sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja**, realizado em outubro de 2008, nos ensina que a prioridade da Igreja é nutrir-se da Palavra de Deus. Ela está em primeiro lugar e, por ela, se torna eficaz a evangelização. Na mensagem final dos Padres Sinodais são apresentadas quatro imagens que nos orientam na relação com a palavra de Deus. Com elas aprendemos a vivenciar uma *Igreja que acolhe*:

1º) A voz da Palavra é a revelação. É a voz de Deus que ressoa nas origens da criação, quebrando o silêncio do nada e dando origem às maravilhas do universo. É uma VOZ que penetra na história, ferida pelo pecado humano e revirada pela dor e pela morte. É uma VOZ que desce às páginas das Sagradas Escrituras, que agora lemos à luz do Espírito Santo.

2º) O rosto da Palavra é Jesus Cristo. "A Palavra se fez carne" (Jo 1,14). É Jesus Cristo, o Filho de Deus eterno e infinito, mas também homem mortal. Ele vive a existência penosa da humanidade até a morte, mas ressurge glorioso e vive para sempre. É ele que torna perfeito nosso encontro com a Palavra de Deus. Ele nos faz entender que as Escrituras são "carne", palavras humanas que guardam no seu interior a luz da verdade.

3º) A casa da Palavra é a Igreja. A Igreja não se sustenta sem as quatro colunas, segundo o texto de Atos dos Apóstolos 2,42:

a) O ENSINAMENTO, que consiste na leitura e compreensão da Bíblia pelo anúncio feito a todos na catequese, na homilia, por meio de uma proclamação que envolva a mente e o coração.

b) A FRAÇÃO DO PÃO, Eucaristia, fonte e vértice da vida e da missão da Igreja. Todos são convidados a nutrir-se na liturgia à mesa da Palavra de Deus e do Corpo de Cristo.

c) A ORAÇÃO, com "salmos, hinos e cânticos espirituais" (Cl 3,16): é a Liturgia das Horas, oração da Igreja destinada a ritmar os dias e os tempos; é a Leitura Orante das Sagradas Escrituras, capaz de conduzir ao encontro com Cristo, Palavra de Deus vivente.

d) A COMUNHÃO FRATERNA, pois, para ser verdadeiro cristão, não basta ser como "aqueles que escutam a Palavra de Deus", mas é preciso ser como quem "a coloca em prática" no amor operoso (Lc 8,21).

4º) O caminho da Palavra é a missão. "Ide e fazei discípulos meus todos os povos, ensinando-os a observar o que vos mandei... O que ouvis ao ouvido pregai sobre os terraços" (Mt 28,19;10,20). Este é o CAMINHO pelo qual caminha a Palavra de Deus. Ela deve correr pelas estradas do mundo, inclusive as estradas da comunicação, da informática, televisiva e virtual. As Sagradas Escrituras devem entrar nas famílias, escolas e ambientes culturais, porque por séculos, ela tem sido referência da arte, literatura, música, pensamento e da própria ética. Sua riqueza é um estandarte de beleza para a fé e a própria cultura.

Lembramos que, na estrada do mundo, caminham os irmãos de outras Igrejas e de outras religiões, que conosco constroem um mundo de paz e de luz.

Proposta 1

A Palavra de Deus gera uma comunidade acolhedora

"Guardai a Bíblia em vossas casas, lede, aprofundai e compreendei suas páginas, transformai-a em prece e testemunho de vida, ouvi-a com amor e fé na liturgia. Criai silêncio para escutar, conservai o silêncio depois de ouvi-la para que ela continue a habitar, a viver e a falar convosco. Fazei-a ressoar no início do dia para que Deus tenha a primeira palavra, e deixai-a ecoar em vós ao cair da tarde para que a última palavra seja de Deus" (SB, mensagem final).

Os discípulos ouviram a Palavra de Deus e, na sua força, saíram em missão, testemunharam e acolheram a todos. A partir do encontro com Cristo, a Palavra Encarnada, devemos ir além das regras e dos preceitos.

Objetivo específico:

1.1 - **Intensificar a espiritualidade bíblico-litúrgica**, promovendo cursos de aprofundamento da Sagrada Escritura; a Leitura Orante e Vivencial da Bíblia; o Ofício Divino das Comunidades; os grupos de vivência; e o espírito e a prática das Comunidades Eclesiais de Base, em vista da missão.

Proposta 2

Duas realidades inseparáveis: ser Igreja e acolher

Com uma atitude missionária devemos abrir não só as portas da Igreja templo, mas também as portas do coração de cada membro da comunidade. O lançar-se para acolher evoca a dimensão missionária da Igreja peregrina. Esta Igreja deve ser rosto do Cristo Bom Pastor, que acolhe de forma fraterna e carinhosa. Somos chamados a ser uma Igreja menos disciplinadora e mais amorosa. “(...) Fixamos nosso olhar nos rostos dos novos excluídos: os migrantes, as vítimas da violência, os deslocados e refugiados, as vítimas do tráfico de pessoas e seqüestros, os desaparecidos, os enfermos de HIV e de enfermidades endêmicas, os toxico-dependentes, idosos, meninos e meninas que são vítimas da prostituição, pornografia e violência ou do trabalho infantil, mulheres maltratadas, vítimas da violência, da exclusão e do tráfico para a exploração sexual, pessoas com capacidades diferentes, grandes grupos de desempregados (as), os excluídos pelo analfabetismo tecnológico, as pessoas que vivem na rua das grandes cidades, os indígenas e afro-americanos, agricultores sem terra e os mineiros...” (DA, 402).

Objetivos específicos:

- 2.1 - Reorganizar o aconselhamento pastoral, a Escuta Cristã e a preparação aos sacramentos para revelar esse rosto acolhedor da Igreja;
- 2.2 - Retomar a prática da visitação e o método das missões populares;
- 2.3 - Dar atenção às famílias nas diferentes situações em que se apresentam, destacando-se realidade dos casais em segunda união;
- 2.4 - Divulgar a existência e a ação do Tribunal Eclesiástico;
- 2.5 - Promover a acolhida aos idosos, enfermos e pobres.

Proposta 3

Acompanhamento: uma expressão de acolhida

O acompanhamento deve dar suporte para que todos tenham a oportunidade de crescer na vivência comunitária, assumindo as exigências do serviço, do diálogo, do anúncio e do testemunho.

Objetivos específicos:

3.1 - Valorizar e integrar os talentos de tantos irmãos e irmãs profissionais de diversas áreas que podem estar a serviço, inclusive no campo da política;

3.2 - Rever, organizar e assumir as diretrizes para a preparação aos sacramentos (diretório dos sacramentos);

3.3 - Implantar uma pastoral pré e pós-matrimonial;

3.4 - Acompanhar as famílias dos catequizandos.

Proposta 4

Acolher e evangelizar o jovem

A comunidade deve assumir com um renovado ardor a “opção afetiva e efetiva de toda a Igreja pela juventude na busca conjunta de propostas concretas” (Doc. Evangelização da Juventude, CNBB). Isto implica em conhecer a realidade do jovem hoje, para poder acolhê-lo e valorizá-lo, aprendendo com suas experiências, favorecendo a ele um encontro pessoal com Jesus Cristo e assegurando-lhe a oportunidade de encontrar seu espaço na vida da Igreja e de ser uma presença cristã na sociedade.

Objetivos específicos:

4.1 - Capacitar, de forma permanente, lideranças para o trabalho com o jovem;

4.2 - Promover um estudo da realidade do jovem e seus desafios;

4.3 - Fomentar um processo de formação humano-cristã que contribua para o crescimento do jovem, cuja mensagem seja adequada aos diversos ambientes e formas de inserção;

4.4 - Fortalecer e dinamizar a Área Pastoral Juventude, integrando as diversas iniciativas de evangelização;

4.5 - Conscientizar as comunidades, para que criem novos espaços de expressão dos jovens;

4.6 - Aderir ao projeto “A juventude quer viver”, da CNBB, que tem por objetivo criar uma cultura de valorização da vida, combatendo a violência e a criminalização da juventude.

Igreja que se Renova

“A Igreja é comunhão no amor. Esta é sua essência e o sinal através do qual é chamada a ser reconhecida como seguidora de Cristo e servidora da humanidade. O novo mandamento é o que une os discípulos entre si, reconhecendo-se como irmãos e irmãs, obedientes ao mesmo Mestre, membros unidos à mesma Cabeça e, por isso, chamados a cuidarem uns dos outros (1Cor 13; Cl 3,12-14)” (DA 161). “A diversidade de carismas, ministérios e serviços abre o horizonte para o exercício cotidiano da comunhão. Cada batizado é portador de dons que deve desenvolver em unidade e complementaridade com os dons dos outros, a fim de formar o único Corpo de Cristo, entregue para a vida do mundo” (DA 162). “No povo de Deus, ‘a comunhão e a missão estão profundamente unidas entre si... A comunhão é missionária e a missão é para a comunhão’. Nas Igrejas particulares (dioceses), todos os membros do povo de Deus, segundo suas vocações específicas, somos convocados à santidade na comunhão e na missão” (DA 163).

A conversão pastoral de nossas comunidades exige que se vá além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária. Desse modo, seguindo o mandato evangélico-missionário: *ide por toda a Terra e fazei todos os povos discípulos meus* (cf.28,16-20) reafirmamos o compromisso de sairmos de nós mesmos e das estruturas antigas que nos deixam estagnados diante dos “sinais dos tempos” que nos interpelam a cada dia. É necessário renovar todas as estruturas eclesiais em vista do discipulado e da missionariedade. Nenhum segmento deve se isentar de entrar decididamente, com todas suas forças, nos processos constantes de renovação missionária e de abandonar as ultrapassadas estruturas que já não favoreçam a transmissão da fé.

O Documento de Aparecida trata a paróquia como um espaço importante da comunhão eclesial, mas reconhece que há “estruturas ultrapassadas, que não favorecem a transmissão da fé e devem ser abandonadas, em vista da renovação missionária” (DA 365). Como forma de

renovação da paróquia, o referido documento sugere alguns passos interessantes, como a “setorização das paróquias em unidades menores, com equipes de animação, comunidades de famílias” e leigos preparados para atender à necessidade de evangelização e servir àqueles que vivem situações aflitivas, onde quer que estejam. A paróquia descentraliza-se, tornando-se uma rede de comunidades (Cf. n. 372).

Recordamos que estamos numa época em que se relativiza o princípio “territorial”. Devemos lembrar que o projeto “comunidade cristã” não se define em primeiro lugar pelo território, mas pela fé e pela graça absoluta de Deus que nos convoca. O fundamento da comunhão eclesial é o ato de fé. E este não se liga a lugares, mas a pessoas.

As comunidades não são abstratas, elas se situam no tempo e na história e testemunham a alegria do ser cristão, o compromisso da adesão ao projeto de Jesus Cristo e o esforço de transformar a realidade em que vivemos como o fermento que atua no meio da massa. O que as caracteriza é a fidelidade ao ensinamento dos Apóstolos, a oração, a partilha do pão e dos bens... “e entre eles não havia necessitados” (cf. At. 2,42-47).

Na história, podemos perceber os diversos modos de ser Igreja: desde o princípio das primeiras comunidades (Comunidades domésticas), às comunidades de vizinhança (paróquias), às pequenas comunidades de hoje (ressalta-se, aqui, a experiência da Igreja na América Latina e Caribe das CEBs) e, mais atualmente, às comunidades de vida e às comunidades virtuais. O importante é que a “comunidade cristã” nunca está pronta e acabada. Ela é um projeto que cada geração deve trabalhar na fidelidade ao Evangelho e ao Espírito, no espaço humano de cada Igreja particular, de cada paróquia, de cada comunidade, por menor que seja.

Proposta 1

Igreja como Rede de Comunidades

A Igreja-comunhão se constrói como rede de comunidades, onde haja uma integração entre todos, formando um corpo articulado. Para acontecer a renovação da Igreja será necessário renovar a mentalidade do clero e dos agentes de pastoral, bem como rever as estruturas pastorais, a composição das instâncias de representação eclesial e a distribuição territorial do presbitério.

Objetivos específicos:

1.1 - Promover o processo de setorização das paróquias, como ferramenta fundamental para o processo de renovação;

1.2 - Incentivar a criação de novas Comunidades Eclesiais de Base organizadas em rede;

1.3 - Acolher e motivar a nucleação de novos grupos que garantam a inserção da Igreja em tantos ambientes desafiadores na realidade urbana: favelas, cortiços, condomínios fechados, conjuntos habitacionais, o mundo virtual, entre outros.

1.4 - Rever e adequar as estruturas e dinâmicas pastorais, bem como a composição das Áreas Pastorais, Comissões, Coordenações, Conselhos, entre outros.

Proposta 2

Igreja toda ministerial

Uma Igreja ministerial é servidora. Todo serviço na Igreja deve expressar um encontro entre pessoas consigo mesmas, com os irmãos e com Deus, tendo como premissa fundamental a presença de Deus na Comunidade. Somos chamados a dar passos significativos na direção de superar o binômio Clero-Leigo, evoluindo para uma relação Comunidade-Ministério e configurando uma Igreja servidora e organizada.

Objetivos específicos:

- 2.1 - Despertar para a descoberta da vocação específica de cada um;
- 2.2 - Criar uma cultura de respeito, valorização e incentivo aos ministérios leigos, especialmente os da Palavra, da Coordenação e da Catequese;
- 2.3 - Reconhecer a ação profética dos religiosos(as) inseridos em nossa Arquidiocese;
- 2.4 - Valorizar a presença das mulheres nos seus diferentes carismas e serviços.

Proposta 3

Igreja de comunhão e partilha

A colegialidade é uma expressão de comunhão. Para um bom trabalho de evangelização num mundo marcado pelo individualismo, é preciso tornar visível a atitude de acolhida fraterna entre todos, especialmente na relação dos padres entre si e com o povo. Uma Igreja que se renova deve tornar-se responsável por ela mesma.

Objetivos específicos:

- 3.1 - Reforçar a atuação dos conselhos como instrumentos de comunhão e participação, renovando a consciência de colegialidade no presbitério e em toda a comunidade;
- 3.2 - Promover a partilha dos bens e recursos humanos e materiais entre as comunidades e paróquias;
- 3.3 - Incentivar a prática concreta do Dízimo e buscar outras alternativas.

Proposta 4

Formação e espiritualidade dos discípulos-missionários

A formação e a espiritualidade caminham de mãos dadas. A formação, numa perspectiva missionária, deve embasar a atuação do cristão na comunidade e na sociedade, despertando para a valorização da vida, a dimensão humana – em vista da convivência fraterna – a cidadania, a inserção política, o diálogo ecumênico e inter-religioso e a consciência ecológica. E é fundamental a busca por uma espiritualidade encarnada-vivencial, capaz de relacionar o que se vive com o que se celebra.

Objetivos específicos:

4.1 - Assegurar uma formação integral, bíblica, teológico-pastoral e missionária;

4.2 - Rever o itinerário catequético como forma de dar suporte a esse processo, assumindo a iniciação à vida cristã como princípio norteador para a Catequese;

4.3 - Investir na formação dos ministros – especialmente os da Coordenação, da Palavra e da Catequese – e dos agentes da acolhida;

4.4 - Articular e fortalecer o Projeto Arquidiocesano de Formação, nas suas instâncias: Paróquias, Foranias e Arquidiocese;

4.5 - Resgatar a consciência da celebração como encontro e momento de formação e partilha de vida, com atenção à preparação da Liturgia e das homilias.

Proposta 5

Evangelização pela comunicação

“A revolução tecnológica e os processos de globalização formatam o mundo atual como grande cultura midiática. Isso implica uma capacidade para reconhecer as novas linguagens, que podem favorecer maior humanização global. Essas novas linguagens configuram um elemento articulador das mudanças na sociedade” (DA, 484). A partir dessa nova realidade, somos impelidos a garantir a clareza e o dinamismo no processo de comunicação eclesial, bem como rever a política de integração e diálogo com a sociedade civil, reforçando a presença pública da Igreja.

Objetivos específicos:

- 5.1 - Unificar as estruturas de comunicação que já existem;
- 5.2 - Promover o uso profissional e consciente dos meios de comunicação;
- 5.3 - Criar uma rede capaz de unificar e dinamizar a transmissão de dados entre as diversas instâncias da Arquidiocese;
- 5.4 - Dinamizar o uso da internet para a difusão de conteúdo formativo;
- 5.5 - Valorizar a Pastoral da Comunicação (Pascom).

Proposta 6

**Metodologia de planejamento participativo
e cultura de avaliação dos processos**

O planejamento pastoral participativo é um serviço à missão evangelizadora. É feito a partir da realidade, da reflexão da Palavra de Deus e dos ensinamentos da Igreja. Promove o pensar e o trabalhar juntos; crescer na espiritualidade, valorizando a diversidade de dons e serviços. Contribui para superar a improvisação e a rotina, motivando o surgimento de novas lideranças e um maior dinamismo pastoral. O planejamento participativo é, antes de tudo, um processo de pensar a ação e de tomada de decisão, que quer envolver o maior número possível de pessoas e grupos, onde todos são convidados a opinarem e decidirem.

Somos uma Igreja em contínuo processo de conversão. Por isso há uma necessidade constante de avaliar para crescer. A avaliação antes, durante e depois da ação pastoral ajuda a verificar se os objetivos foram alcançados. Contribui para o aprimoramento dos processos, aprofundando o que deu certo, aproveitando as descobertas feitas durante o trabalho e identificando erros para que não sejam repetidos. Somos chamados a vivenciar uma mudança radical de mentalidade, que nos leve a abandonar o amadorismo e a improvisação das nossas atividades. Essa nova concepção pastoral nos ajudará a sair de uma cultura de eventos para uma cultura de processos.

Objetivos específicos:

- 6.1 - Fortalecer a metodologia do planejamento participativo em todos os processos pastorais;
- 6.2 - Garantir momentos e espaços de formação para a metodologia;
- 6.3 - Valorizar as estruturas de participação em toda a Arquidiocese;
- 6.4 - Dar uma atenção especial aos momentos de avaliação.

Igreja do Serviço Solidário

“À luz da fé, percebemos que as condições de vida de milhões de abandonados, excluídos e ignorados em sua miséria e dor, contradizem o projeto de Deus e desafiam os cristãos a um compromisso ainda mais efetivo em prol da vida. Nos pobres e excluídos, a dignidade humana está profanada. É a consciência dessa realidade que tem feito da opção pelos pobres um dos traços marcantes da fisionomia da Igreja no continente latino-americano e caribenho. A opção pelos pobres está implícita na fé cristológica, naquele Deus que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com sua pobreza. Por isso, somos incessantemente chamados a contemplar, nos rostos sofredores de nossos irmãos, o rosto de Cristo que nos convoca a servi-lo neles” (DGAEIB, 176).

Inspirados no grande ensinamento da Doutrina Social da Igreja, destacamos o trecho a seguir, extraída da carta encíclica *Centesimus annus* “De fato, hoje, muitos homens, talvez a maioria, não dispõem de instrumentos que consigam entrar, de modo efetivo e humanamente digno dentro de um sistema. (...) Não têm a possibilidade de adquirir os conhecimentos de base que permitam exprimir sua criatividade e desenvolver suas potencialidades, nem de penetrar na rede de conhecimentos e intercomunicações, que lhes consentiria ver apreciadas e utilizadas as suas qualidades. Em suma, eles, se não são propriamente explorados, vêm-se amplamente marginalizados, e o progresso econômico desenvolve-se, por assim dizer, por cima das suas cabeças, quando não se restringe ainda mais os espaços já estreitos das suas economias tradicionais de subsistência” (CA, 33).

“Uma comunidade insensível às necessidades dos irmãos e à luta para vencer a injustiça é um contra-testemunho e celebra indignamente a própria liturgia. Não é uma comunidade missionária, empenhada na promoção da vida em plenitude que Jesus veio trazer” (DGAEIB, 178). “A Igreja de Campinas tem-se destacado pela firmeza e zelo com que abraçou esta causa – a *opção preferencial pelos pobres* – em seus planos de pastoral. Conclamo a todos para seguirmos avante neste caminho [...]” (CP, 52).

Proposta 1

Opção preferencial pelos pobres

A evangélica opção preferencial pelos pobres é expressão da espiritualidade de comunhão e da prática da caridade. Ela não pode ficar no plano teórico e emotivo, nem estar somente sob responsabilidade das pastorais sociais. Uma Igreja servidora é capaz de transformar realidades, aliviar sofrimentos, fazer emergir o projeto de Jesus na sociedade.

Objetivos específicos:

1.1 - Reafirmar a opção evangélica e preferencial pelos pobres como compromisso de toda a Arquidiocese. Os pastores e as lideranças sejam os primeiros a dar esse exemplo;

1.2 - Valorizar uma pastoral social que seja organizada, descentralizada, e que favoreça um ambiente no qual todos vivam a opção pelos pobres e sofredores.

Proposta 2

Rede de Solidariedade

A ação solidária é um atributo de todos os cristãos. Desse modo, somos chamados a reavivar nosso compromisso sócio-transformador, mostrando a dimensão profética e solidária da Igreja na realidade em que vivemos.

Objetivos específicos:

2.1 - Organizar e articular, nos espaços de formação e no trabalho pastoral, as ações que já são realizadas nas várias frentes da Ação Social na Arquidiocese;

2.2 - Firmar parcerias com a sociedade civil que viabilizem atendimento às situações de exclusão;

2.3 - Valorizar os espaços físicos que estão subutilizados (salas, salões de comunidades, centros comunitários) para a promoção de iniciativas de inserção social;

2.4 - Assegurar a inclusão de pessoas com deficiência e necessidades especiais na comunidade eclesial; apoiar iniciativas de inclusão na sociedade.

Proposta 3

Pastoral da Saúde: expressão da misericórdia de Deus

A Pastoral da Saúde, a exemplo do Mestre, existe “para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (cf. Jo 10,10). É sua missão evangelizar com renovado ardor o mundo da saúde, à luz da opção preferencial pelos pobres e enfermos. Numa sociedade preocupada com o ter e o poder, onde a saúde é vista como mercadoria e as pessoas adoecidas como um peso para o Estado, a Pastoral da Saúde se torna a voz sensibilizadora e denunciadora da exclusão e da marginalização do doente. Ela defende a saúde como um direito fundamental da pessoa, sem distinção. Para que a Pastoral da Saúde seja um trabalho organizado e fiel ao Evangelho da Vida, ela deve ser regida por diretrizes em consonância com a pastoral orgânica da Igreja.

Objetivos específicos:

- 3.1 - Valorizar o trabalho da Pastoral da Saúde e capacitar novos agentes, especialmente no ambiente hospitalar;
- 3.2- Reestruturar e dinamizar as capelarias dos hospitais;
- 3.3- Manter um diálogo harmonioso com as equipes de administração nos hospitais;
- 3.4 Articular um trabalho com outras denominações religiosas que prestam serviço pastoral nos hospitais.

Proposta 4

Pastoral da Educação: presença profética da Igreja

A presença da Igreja no ambiente escolar revela sua dimensão profética e contribui para uma formação humana e social, fazendo ecoar os valores cristãos e desenvolvendo a consciência crítica em favor da vida.

Objetivos específicos:

4.1 - Articular uma Rede de Educadores;

4.2 - Assegurar a presença cristã nas escolas públicas e privadas;

4.3 - Fortalecer o diálogo com as escolas e universidades católicas presentes na Arquidiocese;

4.4 - Incentivar o trabalho conjunto e de colaboração com a PUC-Campinas.

Proposta 5

Pastoral Carcerária: presença de Jesus Libertador

A presença pastoral junto aos presídios contribui para dar às penalidades um caráter curativo e corretivo, visando à reintegração dos encarcerados ao meio social. No mesmo Espírito, a ação da Pastoral Carcerária deve contemplar a busca pela garantia dos direitos daqueles que estão sob a custódia do sistema prisional.

Objetivos específicos:

5.1 - Dar consistência estrutural à Pastoral Carcerária, garantindo os recursos necessários para a realização desse trabalho;

5.2 - Elaborar um projeto que contemple os encarcerados, suas famílias e funcionários dos presídios;

5.3 - Formar novos agentes de pastoral carcerária, motivando pessoas que se disponham a esse serviço;

5.4 - Fortalecer a ação junto aos presídios, articulando o credenciamento dos presbíteros, diáconos e agentes, para garantir o acesso;

5.5 - Organizar momentos de celebração no ambiente prisional.

Proposta 6

Consciência Ecológica: sinal de amor pela Criação

Vivemos um modelo de desenvolvimento econômico capitalista-consumista, que privilegia o mercado financeiro e prioriza o agro-negócio. A isso se soma a agressão à natureza, à terra e às águas tratadas como mercadoria negociável, disputada pelas grandes potências. A situação presente é grave: o aquecimento global, o esgotamento dos recursos naturais e a exploração predatória da natureza por grupos ávidos de benefícios próprios.

Objetivos específicos:

6.1 - Educar para a preservação da ecologia;

6.2 - Promover ações articuladas para evitar a destruição da natureza, tanto no meio urbano quanto no rural;

6.3 - Articular iniciativas para uso solidário, consciente e contra a privatização da água, patrimônio da humanidade.

Conclusão

“Qualquer que seja o ponto a que chegamos, conservemos o rumo” (Fl 3,16)

Convocamos cada pessoa, Comunidade, Paróquia, Forania, Área Pastoral e Organismos da Igreja de Campinas a um trabalho maduro e consistente de leitura e estudo deste material – fruto de dois anos de caminhada – assumido na Assembleia Arquidiocesana. Definidos as propostas e os objetivos específicos a serem alcançados, temos as bases para a elaboração dos projetos que cada instância deve realizar.

Pelo Batismo, somos chamados a realizar o encontro com Jesus Cristo, tornando-nos sempre discípulos-missionários. Convocados à santidade, sejamos profetas da verdade, com os pés firmes no chão em que pisamos. Atentos à realidade, devemos anunciar Jesus Cristo e denunciar as infidelidades ao projeto do Reino de Deus.

Não nos deixemos desanimar pelas estruturas estagnadas que hoje nos cercam, mas busquemos a força necessária para sermos uma Igreja criativa, que **se Renova** constantemente. Só assim entenderemos o gesto de Jesus no lava-pés, fazendo-se servidor de todos. Que a nossa fé em Jesus Cristo Crucificado e Ressuscitado nos encaminhe para a realização da Igreja que **Acolhe**, com autêntico testemunho de comunhão e de **Serviço Solidário**, para que todos tenham vida e a tenham em abundância.

Nossa Igreja é convocada, como em Pentecostes, a ser missionária do Pai, pelo Filho. Que o mesmo Espírito, que iluminou os Apóstolos no Cenáculo de Jerusalém, nos guie na caminhada e nos faça perseverantes na execução, acompanhamento e avaliação deste Plano de Pastoral. O processo realizado até aqui na elaboração contou com a participação de todas as instâncias da Arquidiocese. Que este compromisso seja a marca da execução deste Plano.

“Que a Virgem Imaculada nos mostre os caminhos e nos alcance a disposição necessária para enfrentarmos os desafios na construção do Reino de Deus já presente na História” (CP, 58).



Campinas, 01 de abril de 2010
Quinta-feira Santa – Missa do Crisma
Catedral Metropolitana de Campinas

Coordenação Colegiada de Pastoral
Equipe Dinamizadora do 7º PPO
Côn. João Luiz Fávero – Coordenador Arquidiocesano de Pastoral